

## AS DIFERENTES LINGUAGENS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

LISARBE MACHADO TAVARES<sup>1</sup>, HELENICE DE ÁVILA TAVARES<sup>2</sup>, PAULO EDUARDO DIAS TADDEI<sup>3</sup>, CONCEIÇÃO PALUDO<sup>4</sup>.

*1 Universidade Federal de Pelotas – lisarbetavares@hotmail.com*

*2 José Maria da Silveira – heleniceavila@yahoo.com.br*

*3 Universidade Federal de Pelotas – paulopiratini@bol.com.br*

*4 Conceição Paludo – c.paludo@terra.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar as observações feitas, até o momento, sobre o andamento da pesquisa do subprojeto que tem como temática “O trabalho com as diferentes linguagens na alfabetização e letramento”, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. José Maria da Silveira, Piratini/RS, através do projeto Observatório da Educação do Campo, núcleo UFPEL/RS, financiado pela CAPES/INEP. O objetivo do projeto analisado neste artigo é pesquisar as implicações da alfabetização e letramento dos professores no processo de alfabetização e letramento dos alunos. Participam do mesmo projeto os estados de Santa Catarina e Paraná.

A escola foi escolhida a participar do projeto por situar-se no 2º Distrito de Piratini, na localidade do Passo da Cruz, local caracterizado como zona rural, e pelo nível do IDEB em 2009, que era de 3,6, aumentando em 2011 para 4,2. A escola atende, em sua maioria, alunos oriundos de assentamentos da Reforma Agrária (aproximadamente 80%) e de filhos de pequenos produtores rurais, oriundos do entorno escolar.

O objetivo do subprojeto no qual se baseia este artigo é averiguar se os professores desenvolvem, no processo de alfabetização e letramento com seus alunos, o trabalho com as diferentes linguagens. Para esta verificação utilizamos dos seguintes questionamentos: os professores possuem a compreensão da importância das diferentes linguagens no processo de alfabetização e letramento? Demonstram isso no trabalho realizado em sala de aula? Observam-se ainda as implicações no processo de aquisição da leitura, da escrita e do letramento nas séries iniciais. A investigação é realizada através do acompanhamento de um grupo de estudantes em seu processo de escolarização, do segundo ao quinto ano.

A escola conta hoje com 31 professores, sendo que esses profissionais atendem 280 alunos, distribuídos em dois turnos: manhã e tarde.

Abordaremos, no presente texto, algumas intervenções realizadas através do Observatório da Educação do Campo durante nosso processo de investigação, na tentativa de verificar a prática destes educadores buscando, com isso, entender alguns dos fatores que influenciam no processo de alfabetização e letramento dos alunos.

### 2. METODOLOGIA

O subprojeto em questão baseia-se em um trabalho que parte da investigação-ação ou investigação-intervenção – IA - que, de acordo com Coutinho et al (2009, p.360), “o essencial na IA é a exploração reflexiva que o professor faz da sua prática, contribuindo dessa forma não só para a resolução de problemas como também (e principalmente) para a planificação e introdução de alterações nessa mesma prática”.

Entendemos, através do Projeto Observatório da Educação do Campo, que conforme Beltrame, Paludo e Souza (2010) a Educação do Campo possui uma perspectiva crítica, potencializando a prática educativa.

Na continuidade do trabalho de observação realizado, foi necessário optar pelo acompanhamento da turma que ficou com o número maior de alunos, uma vez que o grupo de 17 alunos foi separado em duas turmas, ficando oito em uma sala e nove em outra, juntamente com outros estudantes. A separação aconteceu, de acordo com a escola, para que os estudantes pudessem ser mais bem atendidos. O trabalho se realiza desse modo, com uma turma, que possui 16 estudantes, que são do 4º ano.

Como instrumentos de investigação utilizamos observações em sala de aula e em atividades recreativas; observações e participação em atividades culturais; registros no caderno de campo; conversas informais com os professores da escola sobre o tema de pesquisa; cadernos dos professores dos anos anteriores dos alunos pesquisados e imagens de atividades (fotos e filmagens).

A partir da necessidade de maior compreensão dos estudantes realizamos ainda uma Avaliação Diagnóstica, de Ferreira e Teberosky (1985), para dar continuidade à investigação-intervenção iniciada em 2010, pelo Observatório da Educação do Campo. Esse trabalho possibilitou entender algumas limitações que impedem os educandos de avançar em seu processo de alfabetização e letramento e, a partir dos resultados obtidos na Avaliação Diagnóstica, pensar formas de avanço, juntamente com a análise das observações realizadas em sala de aula e dos outros materiais captados no processo de investigação, já citados acima.

#### Sobre a Avaliação Diagnóstica diz Haydt:

A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, se possuem os conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens. É também utilizada para caracterizar eventuais problemas de aprendizagem e identificar suas possíveis causas, numa tentativa de saná-los. (HAYDT, 1988,p. 16-17).

Quando falamos em alfabetização, buscamos compreender o processo em uma perspectiva mais ampla, não o resumindo apenas aos recursos tradicionais como o quadro negro, giz e o livro didático. É de suma importância que o professor entenda sua responsabilidade em apresentar para o seu educando novas possibilidades de acesso ao conhecimento. Segundo Borba & Goulart (2006, p. 52), “privilegia-se nas escolas um tipo de linguagem, aquela vinculada aos usos escolares, ou seja, a que serve à reprodução dos conteúdos dos livros didáticos mediante a sua transmissão, repetição e avaliação”.

Compreender a realidade e expressá-la, através de meios não convencionados pela escola tradicional, é uma forma da criança se inserir em um

mundo mais amplo, onde sua criatividade e expressão não sejam reprimidas, e sim valorizadas como forma de aprendizado.

Soares (2004, p. 15) traz o conceito dizendo “[...] Etimologicamente, o termo alfabetização não ultrapassa o significado de levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever. Magda Soares (1998) aprofunda o tema ampliando os processos alfabetizadores para Letramento, que se ocupa da apropriação social da escrita, que se utiliza do conhecimento do código para compreender as práticas sociais do meio.

Com as observações ao 4º ano, analisando as metodologias empregadas pela professora em sua prática na sala de aula, nosso objetivo é identificar se estão sendo desenvolvidas as múltiplas linguagens, como a corporeidade, o teatro, a dança, o brinquedo. A pretensão é a de ampliar as relações dos discentes, para uma leitura de mundo mais significativa, não priorizando somente a quantidade, mas também a qualidade do trabalho desenvolvido.

Sobre as linguagens diz Tfouni:

Estimular o desenvolvimento das múltiplas linguagens... significa, dentre outros aspectos, desenvolver uma leitura reflexiva e crítica de mundo, catapultando de uma visão de senso comum para um entendimento mais aprofundado da realidade que nos cerca e que causa tanta perplexidade no universo infantil. Recorre à linguagem artística, corporal, musical, oral, escrita, pictórica, dramática, como forma de estabelecer comunicação com o mundo é um direito que a criança tem e que a escola deve assegurar (TFOUNI, 1995, p.8).

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo de nossas intervenções e investigações, entendemos que muitas das limitações existentes hoje são decorrentes da necessidade de um trabalho mais efetivo com as diferentes linguagens, pois apenas a leitura e a escrita estão em prática. Levando em consideração que posterior à avaliação diagnóstica detectamos um aluno copista, consideramos também fatores sociais como importantes, pois a professora se depara com contratempos, como problemas de comportamento, dificuldades de aprendizagem, problemas familiares, tornando muitas vezes a aula tumultuada e confusa. Outro fator que podemos ponderar é que as aulas não trazem muitas vezes o contexto cultural dos alunos ou de interesse dos mesmos, pois não prendem a atenção por muito tempo, havendo muita dispersão. Quanto as nossas intervenções em sala de aula, damos destaque ao fato de os alunos pedirem, sempre, que conte uma história ou realize alguma brincadeira, pois para eles é algo diferente. Motivam-se a participar das “horas de conto”, pois posteriormente sempre criamos uma brincadeira, partindo da história do dia, de maneira que estamos construindo um livro com a história de vida de uma personagem criada por eles.

Neste sentido:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a

partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura. (BORBA, 2006, p.33)

#### 4. CONCLUSÕES

Entendemos a importância de trazer para o cotidiano escolar uma perspectiva de ensino/aprendizagem onde o aluno e o professor não se limitem a um único modo de aprendizado, onde o docente trabalhe diversificando e ampliando sua prática com diferentes linguagens, compreendendo a relação entre o processo de alfabetização e letramento, que se constitui em sala de aula. Uma sala de aula onde a cultura e o trabalho do campo apareçam, desafiando o professor a construir alternativas para um trabalho mais significativo, de qualidade e não apenas quantitativo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRAME, Sônia; PALUDO, Conceição; SOUZA, Maria Antônia de (coordenadoras) **Proposta de projeto de estudo e pesquisa em educação. Realidade das escolas do campo na região sul do Brasil: diagnóstico e intervenção pedagógica com ênfase na alfabetização, letramento e formação de professores** - modalidade em rede. Capes/INEP, 2010.
- BORBA, Ângela Meyer; GOULART, Cecília. **As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola.** *In*: Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação, Brasil. Ensino/ organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. – Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.
- BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo.** *In*: Brasil. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 1988.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização.** Coleção questões da nossa época: v. 47. São Paulo: Cortez, 1995.
- COUTINHO, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). **Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas.** *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 13:2 , pp. 355-379.